

## **JOSÉ TINHA DEUS COM ELE**

*SÉRIE: VISÕES DE DEUS*

---

**PRELETOR: Fernando Leite**

**DATA: 21/03/10**

**TEXTO: Gn 37 – 50**

### **Introdução: Gn 37.3-4; Gn 37.6-11**

O personagem anterior na série de mensagens sobre biografias do Antigo Testamento foi Jacó, um homem que agiu de uma maneira previsível, considerando o pano de fundo familiar que ele tinha. Seu pai tentava trapacear a Deus, sua mãe tentava trapacear o pai, ele tentou trapacear e trapaceou muitas vezes. Seu tio e chefe, sogro, trapaceou muitas vezes. E Jacó não foi exceção. A família de Jacó trazia esta tônica e Jacó constituiu sua família sendo ele um trapaceiro, sua esposa tendo trapaceado seu pai e os seus filhos seguiam a mesma linha.

Jacó teve 12 filhos. Entre esses doze filhos, um chamado José. José foi uma exceção a essa regra, a esse padrão de vida, de conduta traçada de engano, trapaça. E José é um desses grandes exemplos dentro das Escrituras que mostram o que é ser um homem íntegro. E não somente ele foi íntegro, como, eu diria, foi um homem que causa profunda admiração. Ele era um líder, mas ao mesmo tempo mantinha um padrão de relacionamento pessoal. E foi um sucesso, mas preservou a todo o tempo a sua humildade. Ele tinha poder em suas mãos, mas em todo momento manteve a sua integridade.

Enquanto seu pai, Jacó, e seu avô, Abraão, provaram de intensas e diferenciadas manifestações de Deus, quanto à dimensão das ações de Deus na sua vida, elas foram até discretas. Algumas vezes até disfarçadas. Entretanto, era evidente, ao longo da história da sua vida, a mão poderosa e sábia de Deus o conduzindo. Ele é de uma família humana que tem as suas complicações, mas no caso dele, seu pai era casado com 4 esposas – duas das quais eram irmãs, ou seja, 4 esposas e 3 sogras. Ele tinha 11 irmãos e no seu relacionamento com os irmãos, nós sabemos que seria natural num ambiente como aquele, uma série de disputas, de invejas e de ciúmes. E como se não bastasse todo este ambiente, havia uma agravante na

vida de José: José era de uma competência de alto nível, o que por si só, é suficiente para garantir inveja, intriga, disputas e por aí afora.

Quando ele tinha cerca de 17 anos, ele viu quatro de seus irmãos, filhos de uma das mulheres de seu pai, fazendo algumas coisas impróprias. E ele, bom garoto, mas alcaguete. Foi para o seu pai e contou o que seus irmãos tinham feito, de modo que, quando lemos na história, ficamos sabendo que os seus irmãos não gostavam muito da situação porque seu pai gostava mais de José. E ainda contar para o seu pai o que eles faziam de errado, de modo que os irmãos o odiavam - e conforme o texto nos diz – os irmãos não conseguiam falar com ele de uma maneira cordial. O tempo inteiro era com palavras duras, com ofensas. Então você pode imaginar: Seu pai tinha uma preferência por ele – manifestava e evidenciava claramente.

É natural, num relacionamento pessoal, que as pessoas se identifiquem com algumas e, conseqüentemente, gostem até mais de certos padrões de relacionamentos para certas coisas, e na família também acontece isso. Entretanto, os pais têm que saber tratar com equilíbrio os filhos. Eu percebo que certos pais privilegiam bastante as capacidades intelectuais dos filhos, valorizam os filhos por causa do seu desempenho escolar e quando chega um filho que não gosta muito de estudar, os pais, ao invés de valorizar o fato de ele ser excelente no relacionamento social, ou excelente na prática de esportes, acabam desprezando alguns filhos e prezando mais o outro porque o filho corresponde àquilo que ele valoriza.

O inverso também é verdade. Eu já vi filhos ressentidos e amargurados e sem perspectiva porque um pai valoriza mais a característica de um filho. Aquele é o filho, aquele é o orgulho. O resto é o resto.

E na família de Jacó, onde estava José, nosso personagem, existia isso muito claramente. Não bastasse ele ser capacitado, o pai ter preferência por ele, o pai aproveitou dessa disposição de José também e começou a dar a ele algumas responsabilidades de vigiar os irmãos. Os irmãos sabiam disso.

Esse garoto, que era espetacular, José, um dia teve um sonho. Ele disse o seguinte para os irmãos:

“Tive um sonho. Eram doze feixes, nós estávamos cuidando de juntar feixes de trigo. E onze feixes de trigo, os feixes de vocês, se curvaram diante do meu”. Imaginem o que os irmãos pensaram.

Outro dia ele teve um sonho: “Papai! Sonhei...”

Olhe, se você tem esses sonhos que colocam você em grande evidência. Não importa de quem veio. É melhor não contar.

Mas ele chegou e falou: “Pai! Tive um sonho”.

“Fala filho”.

“Tive um sonho: Eram 12 estrelas, o sol e a lua. E o sol e a lua e onze estrelas se curvavam diante de mim”.

O pai falou: “O que é isso meu filho?”

Os irmãos, loucos de raiva dele e o pai só tentando entender. O fato é que quando José sonhava, os irmãos tinham pesadelo. E o pai ficava se perguntando: O que é que estava acontecendo?

Então foi neste ambiente que esse homem viveu: num lar que definiam a escrita igual a seu pai, igual aos seus irmãos, igual a sua mãe, entretanto ele foi diferente.

Eu gostaria de olhar para um homem que serve como referência para todos nós no nosso dia-a-dia, no nosso tratar com animosidade e na gestão da vida profissional.

Vamos orar: *Pai Celestial! Nós queremos neste momento nos colocar diante de Ti e clamar, Senhor, que o Senhor nos abençoe com a graça de sermos por Ti orientados, de ouvirmos a Tua voz e de sabermos efetivamente o que podemos aprender na experiência de José contigo. O que dessas experiências pode ser realidade para cada um de nós. Senhor, fala conosco. Vem nos abençoar neste tempo que temos juntos aqui e que saíamos daqui com um quinhão da sua sabedoria, com um pedaço bem claro diante dos nossos olhos do conhecimento, que pode ser aplicado no dia-a-dia, na nossa vida, no nosso cotidiano. Vem nos abençoar. Eu te peço em nome de Jesus. Amém.*

Olhando para a vida de José, podemos dividi-la pelas casas pelas quais ele passou e viveu.

## **A história de José**

**A – Na casa de seu pai:** Gn 37.12-14; Gn 37.19-24; Gn 42.21

Certamente, a casa onde ele primeiro começou a sua vida foi na casa do seu pai. José, como eu mencionei, era um homem que se destacava. Um moço que se destacava. E seu pai acabou aproveitando-se disso e deu a ele a tarefa de fiscalizar seus irmãos.

Então como lemos em Gn 37.14: *Vá ver se está tudo bem com os seus irmãos e com os rebanhos e traga-me notícias.*

O garoto gostava de ficar contando os podres dos seus irmãos e o pai se aproveitava dessa situação para se informar. O pai precisava saber efetivamente como estavam os seus filhos, as tarefas dos seus filhos, mas Jacó não tinha o discernimento de perceber que é impossível dar responsabilidades para certos filhos sem colocá-los em situações críticas. A rigor, são os pais que têm que cuidar dos filhos. Ocasionalmente, um filho ou outro pode ajudar nesta tarefa, mas ele não podia delegar esta responsabilidade para José fiscalizar seus irmãos. E seus irmãos sabiam disso. Sabiam que seu pai gostava mais de José. Sabiam que seu irmão estava ali para fiscalizar e, nessa ocasião registrada em Gn 37, vemos que José vai ao encontro dos seus irmãos e quando ele aparece no cenário, os seus irmãos, no campo, um deles fala: “É agora! Vamos matá-lo”.

Sabe o que significa “é agora”? Significa que eles já estavam pensando nisso fazia tempo. Eles estavam planejando isso fazia tempo, ou seja, o crime que estavam para cometer era premeditado. Era um crime qualificado. Estava no plano deles. Estavam aguardando a oportunidade e quando o irmão aparece no campo, sem ninguém para defendê-lo, um irmão dele fala: “É agora! Vamos matá-lo”. O que acontece?

Um dos irmãos, o mais velho, Rúben, percebe que a situação é crítica e defende o garoto para que ele não seja morto. O plano era simples: Mata o menino, ensanguenta a roupa, leva para o pai e diz “olhe o que nós encontramos”. Mas Rúben intervém. Faz alguma coisa para que não façam isso. Convence-os e negocia para que o menino seja lançado em uma cova que tem por ali, num poço.

Até que veio uma caravana, e quando vem uma caravana, para cuidado e preservação do rebanho deles, pelo menos Rúben sai, e talvez outros irmãos saem com aquele rebanho e o levam para um lugar distante para que aqueles mercadores não sejam roubadores de algumas das suas ovelhas.

Mas, enquanto passa aquela caravana, os irmãos tem uma ideia: Já que a gente não vai matá-lo, vamos ganhar dinheiro com ele.

Eles apresentam José como um escravo e por 20 pratas eles vendem o irmão como escravo.

A caravana vai embora e passada a caravana, volta Rúben e toma conhecimento do que os irmãos fizeram. E o que eles fazem com aquela roupa de José? Eles a lambuzam no sangue de um animal e levam para o pai, dizendo justamente isso: “Olhe o que nós encontramos. Não é do nosso irmão José?”

Neste texto da história, Gn 37, não é narrada a reação de José, embora não seja difícil imaginarmos o que aconteceu.

Mas, mais adiante há um relato em Gn 42 em que os irmãos estão conversando entre si, pensando que estão somente eles conversando e ninguém está entendendo a conversa, e eles dizem assim (Gn 42.21): *...Vimos como José estava angustiado quando nos implorava por sua vida, mas não lhe demos ouvidos; por isso nos sobreveio esta angústia.*

José implorou, clamou, suplicou para que os irmãos não fizessem o que fizeram com ele.

Então veja, ele passa na casa do seu pai diante de hostilidade, inveja, traição de seus irmãos e agora ele estava numa caravana e essa caravana está indo na direção do Egito.

E quando ele chega ao Egito, é vendido de novo como um escravo. Escravo para um oficial egípcio chamado Potifar.

**B – Na casa de Potifar:** Gn 37.36; Gn 39.6-7,10

Ele vai trabalhar na casa de Potifar e nesta casa, esse homem se destaca tremendamente. Ele vem a fazer um serviço excelente na casa de Potifar e este percebe que há vantagem em deixar a casa aos cuidados de José. E ali naquela casa ele vai se desenvolvendo. Diz o texto bíblico (Gn 39) que Potifar confiava tanto em José, que ele (Potifar), só se preocupava com comida (a dele). A administração de todas as suas coisas estava nas mãos do próprio José.

Agora veja: Um homem bem colocado como Potifar, rico, tem um servo fiel que cuida de todas as coisas... Potifar só cuida mesmo, como diz o texto, da própria comida (da comida que ele levava à boca)

Veja o que lemos (Gn 39.6-7): *José era atraente e de boa aparência, e, depois de certo tempo, a mulher do seu senhor começou a cobiçá-lo e o convidou: “Venha, deite-se comigo!”*

Potifar só pensava em sua comida e sua mulher olhou para aquele moço bonito, vistoso, interessante e acabou assediando José.

José percebia que existiria um problema sério se ele se envolvesse com aquela mulher, porque ele era um homem comprometido com Deus. E ele conseguiu evitá-la. Só que num determinado dia, numa determinada situação, ele entrou na casa e não se deu conta de que ele estava sozinho na casa e essa mulher, de novo, o assedia. Segurou sua túnica e ele deixou a túnica e foi embora e com isso, ela lançou uma calúnia de que ele havia tentado agarrá-la e então ele passa para a terceira casa em que ele morou, a casa de detenção.

**C – Na casa de detenção:** Gn 39.21-23; Gn 40.4-13,16-19; Gn 40.14-15; Gn 40.23

Casa de seu pai, casa de Potifar e agora vai para a casa de detenção. Naquele tempo a prisão era um lugar onde se pagava pena, mas, principalmente, um lugar em que se tinha mão-de-obra para prestar serviços ao Estado. E era necessário que alguém administrasse isso e José se destacava com suas habilidades administrativas. Logo ele ganha a simpatia do carcereiro, do responsável por aquela cadeia e de novo começa a ganhar um crescimento ali dentro daquela cadeia, a administrar diversas situações, e ele também ganha projeção, assim como ganhou em sua casa, ganhou na casa de Potifar, agora ganha na cadeia.

Certo dia, anos depois, ele encontra dois homens que foram para a cadeia devido a alguma afronta que teriam cometido contra o rei. E os dois estão angustiados e José chega para eles e pergunta:

“Porque vocês estão angustiados? O que aconteceu com vocês?”

Eles disseram: “Tivemos um sonho e não entendemos o que significa o sonho”

E ele pergunta para um deles: “Qual foi o teu sonho?”

E o que era o copeiro do rei – pessoas que preparavam comida para reis eram pessoas de alta confiança e normalmente ministros. E aquele homem conta o que sonhou: Nasceram três ramos de videira na sua cabeça e daqueles ramos ele tirou as uvas e as espremeu no copo do rei; e o rei tomou aquilo.

E José disse o seguinte: “Três ramos são três dias. Em três dias você vai ser reconduzido à sua posição e você vai servir o vinho para o rei”.

E daí o outro falou: “Eu também sonhei: Eu tinha três cestos na minha cabeça. Em um dos cestos

tinha os pães que o rei gosta. E as aves estavam comendo desse pão”.

E José disse para ele: “Em três dias vão cortar o teu pescoço”.

Depois de dar o significado do sonho, José disse para aquele copeiro: “Quando você estiver perante o rei, lembra-te de mim”.

Eu acho que José - até com vergonha da sua história e do que foi feito com ele - lhes conta a seguinte versão do motivo pelo qual foi parar naquela terra (Gn 40.15): *pois fui trazido à força da terra dos hebreus, e também aqui nada fiz para ser jogado neste calabouço*. E não conta que ele foi traído, não fica reclamando do que seus irmãos fizeram com ele. Só diz isso “eu vim da terra dos hebreus”, “fui trazido à força”. Conta somente parte da história.

Tenho aprendido uma coisa: pessoas que ficam reclamando do que os outros fizeram contra elas tornam-se, para mim, suspeitas número um. Tem alguma razão para isso. E José, neste particular, não fica removendo aquele lixo, aquela história triste, levantando o que os irmãos fizeram contra ele. Ele simplesmente conta a sua realidade: “Faça alguma coisa”. “Intervenha por mim”.

Três dias depois, acontece o que José profetizou, a leitura que ele fez dos sonhos daqueles homens.

Entretanto, o texto de Gn 40 diz que aquele homem não se lembrou de José, ao contrário, esqueceu-se dele.

Passam-se dois anos desde este fato. E agora é o rei quem tem um sonho. E depois de ter o sonho, o rei começa a contar seu sonho para os sábios egípcios e os sábios do Egito não têm resposta para aquele sonho. O sonho era simples: Do rio (o Nilo) saíam 7 vacas gordas, fortes, saudáveis e entre os juncos, no rio, aquelas vacas estavam pastando. Mas, eis que sobem também do rio 7 vacas magras e as 7 vacas comem as vacas gordas. E o rei acorda assustado. Dorme de novo e tem um novo sonho: Nasce um pé de trigo. Nascem as espigas e as espigas são fortes e graúdas, mas nasce também outro pé com 7 espigas magras e essas espigas magras começam a comer as espigas grandes, a engolir as espigas grandes. E o rei pergunta: “O que é isso?”.

E pergunta, e pergunta, e pergunta ao copeiro. Até que o copeiro lembra: “Quando estava na cadeia, junto com o padeiro, tinha um moço e nós dois sonhamos e ele interpretou os sonhos e deu o significado dos sonhos e aconteceu exatamente como ele interpretou”.

O rei disse: “Manda vir este moço”.

Preparam José para ir à presença do rei.

**D – Na casa de Faraó:** Gn 41.1-7; Gn 41.15-16; Gn 41.25; Gn 41.33-36; Gn 41.40-44; Gn 42.6-9; Gn 42.21-24; Gn 45.2-4

Quando José chega à presença do rei, o rei lhe conta a história e espera que ele dê o significado e ele diz para o rei: “Deus dará ao faraó uma resposta favorável”.

E José diz, após ouvir o sonho: “A história é a seguinte: O sonho é o mesmo. As sete vacas gordas, as sete espigas gordas são na verdade 7 anos de fartura que ocorrerão sobre o Egito. Mas as vacas magras, as espigas ruins são 7 anos que sucederão a estes 7 primeiros, ou seja, 7 anos de abundância e depois 7 anos de pobreza. É isto. É um sonho só”.

E não somente José revela o sonho como ele começa a assumir o papel de um consultor do rei e ele diz, em Gn 41.33-34: *Procure agora o faraó um homem criterioso e sábio e coloque-o no comando da terra do Egito. O faraó também deve estabelecer supervisores para recolher um quinto da colheita do Egito durante os sete anos de fartura*.

E com isto, o rei percebe que o rapaz tem as habilidades que ele precisa, e faz daquele moço um ministro da agricultura que tem no seu poder o poder de comprar terras, o poder de comprar trigo, o poder de vender trigo e aquele homem começa a trabalhar nesta posição, de forma que naqueles anos todos, começa enriquecendo. Observe Gn 42.6: *José era o governador do Egito e era ele quem vendia trigo a todo o povo da terra. Por isso, quando os irmãos de José chegaram, curvaram-se diante dele com o rosto em terra*.

Na terra em que seu pai e seus irmãos estavam, a fome também assolou. E os seus irmãos vieram para o Egito comprar comida.

José está diferente. O jeito de se barbear é diferente. O jeito do cabelo é diferente. Ele não é mais um moço, é um homem. As roupas dele são diferentes. O cuidado é outro; não é mais aquele homem rústico do campo.

José vê seus irmãos, conversa com seus irmãos. Eles não reconhecem José, mas José os reconhece.

Em Gn 42.7 diz: *José reconheceu os seus irmãos logo que os viu, mas agiu como se não os conhecesse, e lhes falou asperamente: “De onde vocês vêm?”*

Ele passa a ter um diálogo com os irmãos e a tratar os irmãos como suspeitos e espiões que estão entrando na terra para roubar segredos.

E José começa a “apertar” os irmãos, e é interessante esta conversa pelo que lemos a seguir. Era feita em egípcio e embora José entendesse o que seus irmãos falavam em hebraico, ele usava de um intérprete para não se identificar com eles, para não dar uma pista para eles.

E na medida em que José começa a apertar o assunto com eles, eles chegam àquela conclusão em que dizem: “Foi pelo que fizemos com o nosso irmão José que estamos sofrendo aqui agora o que estamos sofrendo”.

Os irmãos voltam para casa. José retém um dos irmãos. Os outros irmãos voltam para casa. José coloca condições para que os irmãos possam retornar e buscar mais comida.

Algum tempo depois eles retornam. Os irmãos ainda não o reconheceram. Até que em um determinado momento, em Gn 45.3: *Então disse José a seus irmãos: “Eu sou José! Meu pai ainda está vivo?” Mas os seus irmãos ficaram tão pasmados diante dele que não conseguiam responder-lhe.* Os irmãos ainda não sabiam... José vivo era uma boa notícia ou uma má notícia?

(Gn 45.4): *“Cheguem mais perto”, disse José a seus irmãos. Quando eles se aproximaram, disse-lhes: “Eu sou José, seu irmão, aquele que vocês venderam ao Egito!”*

Depois disto, José manifesta todo o seu perdão aos seus irmãos, conduz a sua família a uma condição na terra do Egito que lhes permitia sobreviver.

### **A maneira como José conheceu a Deus**

Seja na casa de seu pai. Seja na casa de Potifar. Seja na prisão. Há uma história constante na vida deste homem, uma história de hostilidades, de sofrimento, de dor, de saudades, de angústia, mas o texto bíblico não nos registra nenhuma reclamação, nenhuma murmuração. Porquê?

Preste atenção na maneira como José conhecia e experimentava a Deus. Chamam a atenção três características da manifestação de Deus na vida de José.

**A – Deus estava com ele:** Gn 39.2-5, 20-23; Gn 41.52; Sl 90.16-17

A primeira delas é que Deus marcava presença na vida de José. Quando olhamos para o texto de Gn 39.3, na casa de Potifar, que diz: *Quando este percebeu que o SENHOR estava com ele e que o fazia prosperar em tudo o que realizava.* Ou seja, Potifar percebeu que Deus estava com aquele moço. Era evidente que a mão de Deus estava com ele. No

versículo 5, novamente o texto nos diz que ele acabou deixando tudo sob os cuidados dele porque o Senhor abençoou a casa do egípcio. Ou seja, Deus estava com José e abençoou José em tudo o que ele tinha que fazer. O texto continua e no versículo 22, José já chegou à prisão e, de novo, é perceptível, nos versículos 22 e 23, que Deus estava com José, de modo que Deus o abençoou em tudo o que ele fazia na administração da prisão.

Deus não o livrou de ser vendido pelos irmãos. Deus não o livrou de ser traído pelos irmãos, mas naquela condição em que ele estava, o texto nos fala que Deus estava com ele, Deus o estava abençoando.

Em Gn 41.52, mencionando o filho que ele tem - e ele dá ao filho o nome de Efraim porque Ele diz no versículo 52: *Deus me fez prosperar.*

A história de José é uma história que tem bem presente a presença de Deus. Quatro vezes é dito: “O Senhor estava com ele”. A vida deste homem era marcada pela bênção de Deus.

Não fala de nenhum MBA que ele fez e que fez com que ele enriquecesse e ganhasse dinheiro. Nada disso. O que marcava sua vida era a bênção de Deus, a mão de Deus, a bondade de Deus.

Mas, como é que isto acontece?

Nos Salmos de número 90, quero chamar a sua atenção para a oração que é feita, as expectativas que Moisés faz, as expectativas que os filhos de Deus devem ter e que oração devemos ter a cada ano: (Sl 90.16): *Sejam manifestos os teus feitos aos teus servos, e aos filhos deles o teu esplendor!*

A primeira coisa que ele olha: “Senhor! Na minha vida manifesta as tuas obras. Hoje é dia Senhor!”

Essa também é uma das orações que eu mais faço na vida: “Tenho chances de hoje levar uma vida segundo as minhas capacidades e habilidades, Senhor. Não me deixe no dia tão medíocre assim. Manifesta as Tuas obras”.

Mas ele acrescenta, e no Salmo 90.17, ele diz: *Esteja sobre nós a bondade do nosso Deus Soberano. Consolida, para nós, a obra de nossas mãos; consolida a obra de nossas mãos!*

“Senhor! Me dá o privilégio de aquilo que eu vou fazer tenha a Tua bênção para que isso de fato tenha valor e permaneça”.

Certamente, José não conhecia esta oração de Moisés que viria gerações depois dele, mas José era um daqueles que oferecia material para Moisés escrever sobre isso.

A vida tem que ser levada com esta perspectiva. “Manifesta Tuas obras. Abençoa minhas obras”.

E José levava seu dia-a-dia assim: “Senhor! Manifesta as suas obras”.

Há tantas histórias bonitas que de vez em quando escuto de pessoas num ambiente corporativo onde talvez alguns possam dizer assim: “Deus não tem nada a ver com isso”. Certo tempo atrás, conversando com um amigo, numa situação de crise no ambiente de trabalho – esse trabalho extremamente técnico – ele pára o seu trabalho, separa-se para um lugar, abre a sua Bíblia, estuda a Palavra, ora, e fala: “Senhor! O Senhor sabe. Não tenho como resolver isto”. E ele volta para o seu trabalho e em pouco tempo vê o seu trabalho andar e acontecer. E ele me disse: “Eu sei que não fui eu. Eu fiz algumas coisas lá, mas para pensar nos resultados que aconteceram...”

José era alguém que vivia dentro das possibilidades de Deus e não suas. Ele conhecia Deus no andar no dia-a-dia.

**B – Deus lhe fez revelações:** Gn 37.5-6,9; Gn 40.8; Gn 41.15-16

Mas, além disso, percebo que José era alguém de uma linhagem profética a quem Deus revelava muitas coisas.

Ele chega aos seus irmãos e diz: “Eu tive um sonho. Vocês se curvarão diante de mim”. Ele chega a seus pais e diz: “Eu tive um sonho. Meus irmãos e vocês vão se curvar diante de mim”. Aquilo era uma visão profética. Aquele homem era de uma linhagem profética. Quando ele está na prisão, ele tem a visão, a interpretação dos sonhos daqueles profissionais.

José tinha uma visão muito clara sobre isso (Gn 40.8): *Eles responderam: “Tivemos sonhos, mas não há quem os interprete”. Disse-lhes José: “Não são de Deus as interpretações? Contem-me os sonhos”*. José sabia que a interpretação dos sonhos daquele tipo era de prerrogativa dele como profeta.

Ao escrever aos Hebreus, no capítulo 1, o escritor diz que Deus nos falou muitas vezes, de muitas maneiras, aos “pais” pelos profetas. Nestes últimos dias Ele nos falou pelo Filho. No passado, dentro daquela linhagem profética que havia acontecido. Aquilo não era ficar dando “profetadas” como é tão comum ficarem falando coisas por aí. Aquilo era uma linhagem, um fenômeno que aconteceu num tempo, num espaço. Pessoas que foram separadas por Deus para um ministério de revelação do recado que estava na boca de Deus até que tivesse a Palavra de Deus escrita como um recado para nós.

Quando o Senhor Jesus apresenta a história do rico e de Lázaro, o rico fala para Jesus: “Manda que alguém venha. Manda que Moisés venha. Eles vão ouvir...” Deus diz: “Não!”. Eles têm, nós temos, Moisés e os profetas. Mas Deus se manifestava a José de uma maneira de revelação como um profeta que ele era, escolhido por Deus, determinado por Deus.

**C – Deus se mostrou soberano:** Gn 45.5-8

A terceira maneira que vemos Deus agindo na vida de José é Deus mostrando sua Soberania.

Quanto temos consciência de que Deus é soberano sobre todas as coisas nas nossas vidas?

Quando José se identifica a seus irmãos traidores (Gn 45.5): *Agora, não se aflijam nem se recriminem por terem me vendido para cá, pois foi para salvar vidas que Deus me enviou adiante de vocês*.

É lógico que seus irmãos foram traidores. Eles eram responsáveis por seu pecado, mas na visão de um homem ou de uma mulher de Deus tem que ter esta mentalidade de que nada foge ao controle do nosso Deus. Ele diz: “Vocês quiseram fazer o mal...” é o que vai dizer em Gn 45.8: *“Assim, não foram vocês que me mandaram para cá, mas sim o próprio Deus”*... Eles quiseram fazer o mal e Deus aproveitou a maldade que existia neles para cumprir com o propósito que Deus tinha. José tinha plena confiança de que nada acontece se não for por determinação de Deus.

José tinha consciência de que ninguém podia tirá-lo do projeto de Deus: “Não foram vocês que me mandaram para cá”.

“Ah! Mas me traíram no meu trabalho!”

“Não reconheceram o meu trabalho!”

“Olha o que fizeram contra mim!”

Meu irmão, minha irmã, ninguém pode por a mão num filho de Deus, se Deus não determinar que se ponha a mão.

Uma visão marcada por ressentimento por causa de alguma justiça que você julga que aconteceu contra você é, antes de mais nada, uma visão pagã, incrédula; que não percebe que Deus é soberano e está no controle de todas as coisas e que, no máximo, as pessoas podem cooperar com Deus, consciente ou inconscientemente.

Mas José sabia disto... “Vocês pensaram em fazer o mal, mas na verdade foi o próprio Deus que me mandou para cá”.

As pessoas tem certa liberdade, eu diria, uma liberdade vigiada.

## **D – Deus que age na dor**

Além disso, outro aspecto que vemos na vida de José acerca da maneira de Deus se manifestar. E a visão que tenho aqui é de que a história de José conta para nós a história, ou a verdade, de que no plano de Deus tem sofrimento. Tem coisa que, da perspectiva humana, dá errado.

Não só nosso país, mas o mundo inteiro, a África, a América do Sul, foi invadida por esta heresia, essa blasfêmia, de Teologia da Prosperidade, que nasceu no mercado americano e foi exportada para o mundo inteiro, dizendo que Deus está aí para dar o que você quer, para dar saúde. E essa heresia tirou Jesus do centro, que é o que melhor podemos ter, pensando nas coisas que Ele melhor vai nos dar. E que nenhum mal vai acontecer para nós.

Não? Inveja dos irmãos; traído pelos irmãos; enganado pelos irmãos. O que percebemos na história: Ele é vendido pelos irmãos. Uma vez que ele é vendido pelos irmãos, está naquela caravana chorando. Na casa de Potifar como escravo. É caluniado. É encarcerado. Vive as agruras de uma prisão.

Dentro do plano de Deus não existe espaço, não sobrevive ao mínimo de estudo das Escrituras, perceber que sofrimento faz parte do projeto de Deus. Foi assim com José; é assim com você; é assim comigo. Sem doença, sem hostilidade, sem traição, sem falhas com você, sem decepções, não é nesta vida não. Esta proposta de que você vai glorificar a Deus se de fato você conseguir comprar um apartamento em Paris, fazer compras em Nova Iorque e comprar o carro na Itália.

Quando José foi feito o homem que ele foi no Egito, o rei mandou ele andar no segundo carro dele. Não sei por que, mas eu acho que era um “Bentley”. Mas entenda uma coisa: Não foi quando ele andou no “Bentley” do Faraó que ele glorificou mais a Deus não. Eu acho que ele glorificou mais a Deus quando, na casa de Potifar, abriu mão dos prazeres por temor a Deus e se sujeitou a ir para a cadeia como foi. Creio que ele glorificou mais a Deus não quando ele estava com as vestes que ele tinha, feitas na Itália, onde fosse, mas quando na cadeia, dentro da cadeia.

Ao invés da murmuração, ele se manteve antenado e sintonizado com Deus; servindo a Deus ali, sem murmuração.

## **As implicações no seu cotidiano**

### **A – Trato com adversidades**

Quais são as implicações no seu cotidiano, no seu dia-a-dia, que a história de José deve nos trazer?

A primeira coisa é justamente a maneira como José tratou e como nós temos que tratar com a adversidade.

Um exemplo: Oramos pelo fato de 200 pastores estarem sofrendo ameaças na Índia. Devemos clamar a nosso Deus de fato para que Deus, no exercício da sua soberania que nunca falha, liberte-os. Mas não podemos ignorar que aqueles irmãos que estão sofrendo, as adversidades que estão sofrendo, devam ter a sabedoria de discernir qual é o projeto de Deus para eles neste momento. Temos que clamar e orar a Deus para que Deus lhes dê percepção: “Senhor, como é que eu tenho que agir agora?”. E é possível que para muitos desses signifique a morte, como para José significou a prisão.

Lembrando o que o Senhor Jesus disse (Mt 5.11): “Bem-aventurados são quando por causa do meu Nome vocês forem injuriados, maldisserem e tirarem a vida de vocês”. Paulo chega a dizer (Fp 1.29): “É privilégio nosso não somente crer, mas padecer por Cristo”.

Eu sei que a vida não tem sido para você tudo o que você gostaria que ela fosse. Não é assim na vida de ninguém, mas tem que ser parte da sua vida, da minha vida, essa visão de que Deus, o Soberano, Ele tem todas essas coisas sob seu controle. E “Senhor, nessa situação de dor, de angústia, permita-me perceber a Tua mão, a Tua graça, o Teu poder na minha vida”. E olhar para estas situações como instrumentos de Deus que quer operar em nós. Ora na traição, na venda, na escravidão, na calúnia. Foi assim com José e é para ser conosco.

Vocês que estão num ambiente corporativo, estão esperando um ambiente perfeito; as pessoas serem justas, serem razoáveis? Bobagem. O milênio não chegou ainda! Faz parte deste tempo tudo isto e cabe a nós olharmos para isto com esta perspectiva de que Deus também trabalha com a dor.

## **B – Vida profissional**

Mas também queria olhar com você para a vida de José no seu aspecto profissional. Foi Deus quem o abençoou nas diversas fases da sua vida. Foi na cadeia, foi na casa de Potifar, foi na casa do Faraó. O que eu percebo continuamente na vida deste homem é que Deus está com a sua boa mão na vida dele, apesar da dor, apesar da venda, da traição, da calúnia, da prisão. Mas o Senhor foi conduzindo a sua vida - e se é que serve para alguma coisa aquela frase “Deus escreve certo por linhas tortas” – a vida de José é marcada por linhas tortas, mas a linha da soberania de Deus estava sendo mantida.

Meus irmãos, nós temos que ter esta visão. Continuamente tenho conversado com jovens desanimados com seu trabalho, com as injustiças, com a falta de coerência, com o salário, com a intensidade do trabalho... Escutem: Quem é o gestor da sua carreira? Se for você, você tem motivos demais para estar reclamando. Mas se a sua vida é como a de José: “Senhor, eu estou aqui para fazer o melhor que posso o trabalho que tenho para fazer. Eu quero a tua bênção. Senhor, cuida da minha vida!”. Trabalhe, como sendo para Deus. Confie somente em Deus. Eu vejo Deus acertando a vida de José como Ele pode acertar a vida de cada um.

Tempos atrás estava conversando com um amigo e ele me descreveu a sua situação no trabalho. E quando ele contou a situação no trabalho dele eu falei assim: “Você vai ser demitido”.

“Você acha isso?”

“Acho”.

Naquela semana ele conversou com o chefe dele e ele veio me dizer: “Olhe, conversei com meu chefe e ele me disse que eu não estou demitido não. Eu estou garantido”.

Falei: “Estranho”.

Dois meses depois, a garantia dele foi demitida; o chefe dele foi mandado embora. Não existe garantia fora do Senhor. É Ele quem nos sustém; é Ele quem nos mantém; é Ele quem nos conduz. Enquanto você não entender que é Ele o Senhor da sua carreira, você está perdendo a oportunidade de ver Deus abençoar e manifestar Sua presença como foi na vida de José.

“Senhor! O Senhor conhece a minha realidade de trabalho, mas eu sei que o Senhor está cuidando dela”. “Senhor, eu não estou gostando do que está acontecendo, mas estou confiando no Senhor”. “Meu chefe acha que ele pode fazer o que ele quer, mas eu sei que não pode”.

### **C – Comunhão pessoal: Pv 3.5-6**

Terceiro aspecto para o qual eu chamo a sua atenção na vida de José, a maneira como José percebeu o Senhor, experimentando no dia-a-dia, e que nós devemos experimentar também: comunhão pessoal.

José manifestava este seu relacionamento com Deus continuamente.

Eu creio, Pv 3 era uma realidade em sua vida (Pv 3.5-6): *Confie no SENHOR de todo o seu coração e não se apoie em seu próprio entendimento; reconheça o SENHOR em todos os seus caminhos, e ele endireitará as suas veredas.*

Que tem veredas que são inclinadas, tem. Que tem veredas que são tortas, tem. Mas aqueles que amam o Senhor têm a oportunidade de Deus fazer com que todas as coisas cooperem para o bem deles.

Uma curva que para mim, hoje, parece imprópria, na mão de Deus é a curva da bênção. Há situações no trabalho que você vai falar “isto aqui é um abismo”. Na mão de Deus isto é uma oportunidade.

Então nós precisamos aprender esse amar ao Senhor no dia-a-dia, a buscar a presença do Senhor no dia-a-dia, a nos apegarmos ao Senhor, a dependermos do Senhor.

O que vai acontecer?

Vai acontecer é que alguém vai caluniar, alguém vai trair, alguém vai vendê-lo, alguém vai escravizá-lo, mas Deus vai usar seu método de transformar crises em bênçãos.

Talvez o homem que mais tenha me influenciado na vida (talvez ele seja quem mais me influenciou; chamava-o de tio Fraga) dizia: “Fernando, quanto pior for a situação, maior vai ter que ser o milagre”. Não lamente pela situação ou crise. Ande com o Senhor e a graça dEle vai se manifestar no dia-a-dia.

Quero terminar somente com uma colocação: José nasceu num lar semelhante ao que Jacó nasceu. Um lar deteriorado. Jacó manteve a escrita do seu lar, José não.

Alguns de vocês podem dizer “Você não conhece meu pai, nem minha mãe”. “Tem que ter uma maldição familiar em casa”.

Ouçá: O que vai fazer a diferença nesta história é se você vai levar Deus a sério como José levou a sério. E quando isto acontece, a escrita não é mantida porque Deus muda. Deus transforma.

O Deus de José era o Deus que estava bem presente. O Deus de José era o Deus que agia na dor. O Deus de José era o Deus que abençoava no cotidiano da sua vida profissional. Esse é o Deus que nós conhecemos e precisamos experimentar.

Vamos orar. Talvez você já tenha identificado uma parte em sua vida que precisa ser confessada ou uma súplica. Nesse momento, ore a Deus. Ore por você. Confesse o que tem que ser confessado.

*Pai Celestial! Que a vida de José seja uma inspiração para todos nós. Para darmos espaços; para reconhecermos o Senhor e o que o Senhor quer manifestar em nosso viver. Abençoa o teu povo. Derrama a Tua Graça. Chame-o, ó Pai; convide-o; desafie-o; atraia-o para Ti, para que experimente no dia-a-dia a Tua soberania, a Tua bondade, a Tua*

*presença. A Tua presença na dor. Que o desânimo seja substituído pela expectativa. Que a falta de esperança seja substituída pela confiança de que o Senhor tem todas as coisas sob o teu controle. Pai, eu oro em nome de Jesus. Amém.*

Mensagem das Sagradas Escrituras apresentada na Igreja Batista Cidade Universitária (IBCU), Campinas - SP. Publicação do Ministério de Comunicação da IBCU. Esta versão contém modificações em relação ao áudio, que está disponível em nosso site ([www.ibcu.org.br](http://www.ibcu.org.br)). Para receber cópias em CD, escreva-nos ou ligue-nos. Ministério de Comunicação - Igreja Batista Cidade Universitária – Rua Tenente Alberto Mendes Jr., 5 – Vila Independência – Campinas - SP - CEP 13085-870. Fone: (019) 3289-4501. E-mail: [comunica@ibcu.org.br](mailto:comunica@ibcu.org.br).